

Edição #1 - Abril
2026

POP! **ZAP!**

BEAT
Literário

LITERATURA POP & ALTERNATIVA

BEAT LITERÁRIO

REVISTA POP & ALTERNATIVA

EDIÇÃO #1 ABRIL 2026

ISSN 3051-8342

© 2026 beatliterario.com

DUARTE N. NÓBREGA, FUNDADOR & EDITOR-CHEFE

Madeira, Portugal

ILUSTRAÇÃO DE CAPA POR

DUARTE N. NÓBREGA

É PROÍBIDA A REPRODUÇÃO, INTEGRAL OU PARCIAL, DO MATERIAL SEM
AUTORIZAÇÃO.

PARA MAIS INFORMAÇÕES,

CONTACTAR:

revistabeatliterario@gmail.com

TODOS OS DIREITOS REVERTEM PARA OS AUTORES

Nota do editor:

A **Beat Literário**, do mês de Abril de 2026, gostaria, uma vez mais, de agradecer as todos estes que pintaram o papel sem medo alguns, talvez pela primeira vez, talvez pela milésima, mas todos eles, garanto-vos, lixar-vos-á o cérebro!

Ó seus leitores aluados, mal sabem ao que estão prestes a se exporem. Serão explorados! No entanto, é este tipo de comunidade que a revista procurava e encontrou, e que tem como alvo futuro - juntar uma geração que tenha um lugar para gritar o que quiser, alcançando eufonias ou apenas para jogar sentimentos empoeirados ao vento pela primeira vez, e, por conseguinte, livrarem-se de fardos, ou mesmo para descobrirem talentos escondidos ou envergonhados há muito.

Esta primeira edição começa com a revolta serena de *Alexandre Pinto*, e com o seu apelo à liberdade, apesar do paradoxo de "apego" por algo maior que o personagem ou a sua personalidade.

Já com *Ricardo Rodrigues* terão a oportunidade de VER e sentir um indivíduo que cospe emoções e remorsos sem pausar para respirar, muito menos dar o luxo ao leitor de ganhar algum fôlego essencial à sobrevivência com esta sua "lista" suja com cheiro a submundo de uma alma que deambula, mas que reconhece os seus erros à medida que se faz ao caminho, ou à lista. Como todos nós, por vezes... pareceu-me até um hedónico e um estoico com uma habilidade de escrever visualmente a verdadeira noite e escuridão da própria, seja ela a literal, ou a outra, sem se desapegar da esperança que um dia soalheiro lhe entre quarto adentro. Tudo isto feito dum jeito esquizofrénico-ciente.

Também há cá "música", com a forma com que *Daniela Silva* usou as onomatopeias idiomáticas das ilhas portuguesas, não como revolta, mas como um bater de pé, firme, engraçado, eclético, e, mais importante, o querer relembrar a tudo e todos que os ilhéus também

estão cá com a riqueza cultural numa forma quase de resistência e de manifesto para salientar todas as nossas diferenças e semelhanças.

Numa parte mais filosófica e tempestuosa, temos Elena S. que nos transcende para um poder superior, mas ao mesmo tempo partilha a sua revolta pela submissão de todos nós a este xadrez terreno ao qual chamamos de "~~sociedade~~". (Sim, censurei uma palavra feia)

A poetisa *SUN* ilumina-nos com a sua luta e vitória contra o MEDO, um medo específico para uns, um MEDO geral, vago e ansioso para outros. A revista degustou, aprovou e, obviamente, gostou do destemido poema da respetiva artista.

Afonso Gondar colocou o editor num campo de batalha dentro de quatro paredes e uma caixa mágica vergonhosa a que chamamos de televisão, de notícias. Assim que li a obra do mesmo foi como ter sido transportado para aquele famosíssimo quadro da revolução francesa... não há mulheres nuas no seu conto, mas há revolta e o "saboroso" ciclo da história que ninguém aprende, ou, simplesmente, nem com um compasso encontram a linha para fechar a porcaria de um simples círculo.

No conto de *Bela Cadima* vemos uma inspiração em forma de referência, um respeito pelo seu "ídolo" ou "modelo", e à medida que a autora "cresce" começa por mudar a forma como o aborda, neste caso, como a aborda - a vida. *Cadima* atira-nos à utopia, crescimento, realização, desinteresse, revolta, e, finalmente, morte pela ilusão que nos rodeia a todos a certa altura na nossa vida.

Quando se lê *João Godinho* as suas referências são logo claras, desde a poesia contracultura de outrora, até à forma atual e diferente de como ele próprio escreve e inventa. Quando o li, parecia estar a ouvir música *Dark Wave* com pouca lírica, mas tremenda violência.

Ler *Luna Silva* é sentir uma luxúria alheia e desrespeitosa que em tempos magoou, e que agora torna-se num poema *Neon*, alternativo, vindo-me até à cabeça o filme *neo-noir* "Terminal 2018", onde quem

nos leva ao submundo acaba por ser dar mal, e *Luna* apontou a lua à imundice alheia para que a pudesse limpar ou finalmente matar no chão das memórias.

O suplício paradoxal de *Vanderlei* inunda-nos de remorsos pessoais passados, que pensávamos que tínhamos ultrapassado, contudo, atropelados pela esperança e melancolia cheia em amor de *Tenório*, seja por alguém, seja por ninguém, seja pela vida, seja pela nossa querida saudade de sermos felizes e puros.

Há aqui animais. Há aqui uma fábula de *Luís de Pato*, onde o sistema educacional, podre por sinal, faz barulho e manifesta com onomatopeias de patos quase comunas que por mais que se revoltam, menos aprendem - são mandados para o mesmo lugar - o das ovelhas.

André Paiva, quase metafísico, mostra-nos a triste realidade, não só de Portugal, mas do artificial. Deixam misérias para trás para construir luxos para os que ficaram com demasiada paz. Os idosos solitários (velhos)e(trapos) veem os seus montes servirem de pratos para os de fato meterem a mão ao bolso sem tacto. Nós, o povo, somos os descartáveis, os velhos, mesmo que ainda estejamos a sair da puberdade.

Ler *Carolina Fidalgo* é como ver um filme *coquette* de *Sofia Ford Coppola*, mas um tanto mais aguçado. Ou um quadro de POPArt, mas não a menosprezem, porque a artista possui uma faca de dois gumes - a sua escrita. Disseca-nos, literalmente, um ambiente puro, difícil, mas puro para depois nos tirar o tapete, dando-nos a ver o quão é fácil e "divertido" quando um governo tem os jovens "lavados" do seu lado.

Bem, tudo isto foi o que senti ao ler e ao editar (aquando necessário) estes verdadeiros **BEATNIKS** do século XXI, todavia, meus LEITORES, marimbem-se para as minhas dissecações e tirem lá as vossas elações do que estão prestes a ler assim que chegarem ao ponto final desta minha "nota do editor". PONTO FINAL.

Conteúdos

Cê tudo o que queres - Poema - Alexandre Pinto	6
Chamada em espera - Poema - Ricardo Rodrigues	7
Deixa passar esta Nossa Brincadeira - Poema - Daniela Silva	10
Devo ter cara de arruinado - Poema - Ricardo Rodrigues	11
Dois Mundos. Anseio um - Poema - Elena S	14
Medo - Poema - SUN	16
Muda-se a Música, Dança-se a Guerra - Conto Flash - Afonso Gondar	17
Novalis na Boca do Lixo - Conto - Bela Cadima	18
Petra - Poema - João Godinho	23
Ser mulher - Poema - Luna Silva	24
Suplício - Poema - Vanderlei Tenório	25
Uma casa abandonada - Conto Flash - André Paiva	26
Uma História de Patos - Conto Flash - Luís de Pato	28
Visita de Estudo - Conto Flash - Carolina Fidalgo	29
Biografias	32

Cê tudo o que queres

de Alexandre Pinto

E eu serei nada que precisas,
Pergunta-me se alguma vez soube
Se em minha alma grande tormento houve,
Sorri como a filha de Deus que és,
Que eu sorrirei como o filho de ninguém que sou.

Acorda com entusiasmo,
Não te revejas no sarcasmo
Cê tudo o que queres
E eu serei tudo o que alguma vez for,
Sem desculpas ou excepções.

Deixa-te levar pelas marés e brisas,
Eu sou fósforo ardente que carbonizas...
Pela primeira e última vez,
Deixa-me ser tudo que precisas.

Chamada em espera

de Ricardo Rodrigues

Já podia ter morrido,
Já podia ter um filho,
Já me podia ter casado
E divorciado,
Preso e solto,
Ouvir um álbum
De rock alternativo,
Daqueles de dez minutos
Em cada faixa,
Ver a trilogia
Do *Senhor dos Anéis*,
Ou toda a saga
De *Harry Potter*,
Já podia ter lido
Os dois volumes
De *Guerra e Paz*
Que guardo na prateleira
Para "um dia" ler,
Já me podia inspirar
Em mentalidades
De grandes mentores,
Começar a escrever,
Frustrar-me,
Dar-me uma branca,
Atirar o meu caderno
Para a mesa com desprezo,
E esquecer o objetivo
De lançar um romance

Este ano,
De desistir de tudo
No momento,
Para voltar a torturar-me
Com as letras
Mais tarde.
Já podia ter tido
Uma conexão no *Tinder*,
Ter um encontro com ela,
Ir para a cama com ela,
Mandá-la embora,
Usá-la como inspiração,
Falar do corpo dela
Num conto ou poema
Ou em simples palavras soltas
Em que menciono
A maneira estranha
Como ela geme,
- Quase parece que ela
Está a cavalgar um cavalo.
Já podia ter ido à minha vida,
Fazer algo mais interessante
Em vez de esperar,
Começando este poema
E terminando
Sem ouvir uma voz humana
Naqueles toques automáticos
Há mais de meia hora,
Só para resolver
A internet da casa.

Escrevo lento
Para relacionar as palavras
Com a resolução,
Mas o final não chega,
E o barulho contínua.
Supostamente,
O que fico a ouvir
  música
Por entre a est tica.

Deixa passar esta Nossa Brincadeira

de Daniela Silva

Abro a boca e já me dizem que não sou da zona.

Vacês pensam que somos estrupícios por nã seguir o vosso tom,
Ficam todos cagançosos que o vosso falar é que é bom.
Mas não há nada mai bonite que ser um corisco,
E no final de contas, a gente acaba por ser sempre ú arisco.

- Vá larê!

Gente com´a gente não há noutre lado.
Vêm ao monte pa passar cá nem que seja um feriado,
E ainda chamam a gente de pequenos,
Comem uma lambeca, molham o ilhó e voltam morenos.

- Mesmo? Deveras? Tás muito mal-enganado!

Há que saber dá razão aos bensusades, eles sempre pagam o seu
quinhão,
Á pariga, cá se fosse a gente a ir para lá tinhas que vender o
coração!
O nosso português incomoda, mas o dinheiro ca gente tem é igual,
É triste a gente nã se ter desconto no vosso amado Portugal.

- Tás vesqueta?! Pois ávelá!

É sempre a mema coisa, não adianta abrir os queixos senão fazem a
rebendita,
Mesmo ganhando a posição de melhor destino, nunca se será a
favorita.
Mudam-se os tempos, mas o desprezo antão cá continua escancarado,
E quem pode fazer a diferença tá masé melhor deitado.
Vacês olham, mas nã veem; ouvem, mas nã dão valor...
Antão fica aqui gravado, a gente irá continuar a ser o mesmo
estupor! - Cadês!

Devo ter cara de arruinado

de Ricardo Rodrigues

Já deixei de contar
As inúmeras vezes
Que, no centro noturno,
Sou abordado
Por indivíduos,
No seu fraco
Português,
A questionarem-me
Se desejo droga
Da manhosa.
Haxixe? não, obrigado.
Será que tenho cara
De arruinado?
Será que demonstro
Na minha postura,
De bêbado positivista,
Que pensam que sou
Algum turista
Na baixa lisboeta?
Até já me perguntaram
Durante o dia,
Devem olhar para mim
E pensar que necessito
De alguma alegria
Para os meus serões.
Mas rejeito sempre,
Sei que esse
Não é o meu vício,

Prefiro beber
De bar em bar,
Dos universitários
Aos de Erasmus,
Durante toda a noite,
A olhar para as mulheres
De saltos altos
Pela calçada desnivelada,
A safarem-se de não
Torcerem o pé,
A olhar para as mulheres
Que sei
Que nunca irei comer,
E aceitar que acabarei
A noite sem um beijo
Ou uma ocupação
Numa das casas de banho
Nojentas.
Em vez disso
Crio histórias,
Acabo a conviver com o *dealer*,
Faço a festa, comunico
E viramos amigos
E bebemos
Até esquecer.
Uma vez,
Numa manhã seguinte,
Acordei com um saquinho
No bolso
E com o dinheiro
Que me lembrava

Na carteira.
Obrigado,
Amigo indiano,
Mas não preciso disto
Para viajar,
Esta vai para a sanita,
Junto com o meu regurgitar.



Dois Mundos. Anseio um.

de Elena S.

Páginas e as suas perguntas, quero lá saber eu!
Anseio uma atenção
Com melhor gestão,
Os pensamentos envolvem-se
Tristes... nas páginas deste livro.

Anseio a minha posição
Entre ovelhas e a sua distração.

Avista-se as melhores perguntas nas páginas dos outros,
Não quero mais sonhos gelados,
Quero saber onde ninguém é controlado,
E é neste lado...

Os outros no infinito
Os outros cansados.
Os selos são consumados.
Neste lado indesejado.

Os apaixonados do nosso significado
Ralados, sobre nuvens aladas.
Cansada da equipa a meu lado
Quero encontrar o meu lado,
Onde os olhos picam todos os sabores.

Por vezes agressiva e tranquila sobre estas coisas,
Deste eixo sem nome,
Ó como se imprimem as coisas deste lado
Ansiado por mim.

Não anseio como os outros,
Neste saco de cansados e distraídos
Não entro,
Se entrar... RASGO!

Outrora desacreditei,
Agora bem desintegrada,
Disse aos olhos que NADO!



Medo

de SUN

Tenho medo? Sim, CLARO!
O medo é algo comum, normal,
Mas preciso mesmo de O ter?!

Tudo é difícil, mais aterrorizante,
Até o que deveria ser prazeroso.

Talvez isso também seja VIVER?

Vencer torna-se mais gratificante
E perder não é uma opção.
Acho que AGORA consigo perceber:

Se o medo me leva a ti,
então tê-lo...
VALE a pena.

Muda-se a Música, Dança-se a Guerra

de Afonso Gondar

Ele ligou o rádio como quem acende um fósforo num quarto escuro – só para ver até onde o fogo pega. A música vinha chiada, quase engasgada, como se também ela tivesse medo do que estava a dizer. Lá fora, o mundo ardia devagarinho, em lume brando, daqueles que não fazem alarde, mas queimam tudo por dentro.

No ecrã, homens de fato falavam grosso e fino ao mesmo tempo – grosso na pose, fino no conteúdo. Vendiam guerra como quem vende detergente: prometendo limpar ameaças, deixando manchas que não saem nem com esfregão de história. E ele pensava, meio cínico, meio cansado: “Isto não é novo... é só requentado.” Porque há conflitos que não passam de sobras mal disfarçadas – aquecidas no micro-ondas da opinião pública.

Havia qualquer coisa de familiar naquele teatro. Uma encenação onde o herói já vem escrito no guião e o vilão já vem legendado. Tudo muito mastigado, pronto a engolir, difícil de digerir. E a verdade? Essa ficava em ponto morto, como carro sem gasolina numa estrada de promessas.

Ele riu-se sozinho, um riso curto, daqueles que não chegam a ser gargalhada nem ficam bem no silêncio. “No fundo,” pensou, “isto é, como aquela expressão: muda-se a música, mas a dança é a mesma.” Só que aqui, quem paga o baile não escolhe a banda.

E desligou o rádio. Não por falta de som – mas por excesso de ruído.

Novalis na Boca do Lixo

de Bela Cadima

- Ah, *Novalis*... O senhor não faz ideia de quanto aguardei por este momento sagrado – conhecer o padrinho dos românticos! – Tamanho o peso deste sonho que ele não coube numa única vida. O meu sonho teve de ascender ao Inefável, longe de onde venho. Sou de uma terra atroz, que merece a mais meticulosa avaliação. Necessito de um par de olhos de cristal, os seus, ó padrinho, que me prontifico a chamar de pai, aquilo que os seus contemporâneos – um bando de medrosos, se me permitir pontuar – jamais fizeram. Com as joias que cobrem as suas orbes sublimes, celestiais – viu só? Excedi-me outra vez –, quero que veja o que passei: os guerreiros que venci, os amores que me derrotaram. Vivi uma lástima que só pessoas como nós conheceram de perto, padrinho... E o senhor sabe o destino que foi reservado a pessoas como nós – os perdidos, as vítimas de um coração tão grande que aprendeu a voar sozinho, antes da Hora – *Que hora?! Ah, o padrinho me faz cada pergunta peculiar... estamos exatamente nesta Hora. Lamento, mas não tenho de lhe explicar mais que isto. – A metonímia dos românticos não aguentou e fugiu de todos nós: que lástima!... E lastimado eu lhe ofereço uma vista privilegiada sobre a realidade severa da qual fui embora. Para que a compreenda como eu faço sem grandes esforços, apropriar-me-ei de um dos pedaços fundamentais da sua alma maravilhosa e encantadora. Relatarei o que vi pelos fragmentos. Assim, tal como o senhor, fragmentar-me-ei em vários bocadinhos, apequenando-me como o pólen das suas flores fragmentárias. Fique sossegado, padrinho. Vi o senhor agitar as mãos com certo alvoroço... Peço que não me ensine a contar aquilo que sei de cabo a rabo – um termo arrojado, sei bem, mas é apropriado para lhe falar sobre a *minha terra*:*

ROMANTISMO. Abstração; estratagem do caos. A morte se transforma na expressão máxima do amor impossível, pois este já nasceu sepultado

no coração do ser humano – um vassalo. No Olimpo das Flores luzentes, eis o Romantismo: a papoula vermelha, a mais funesta da sua linhagem. Nem brilhar ela brilha.

POESIA. Fantasma de que se compadecem os bêbados. Entre as artes musicais e plásticas, parece sobrar para ela o último plano. A Poesia é marginal: germina no chão frio de um bordel. Poesia livre... Deveria a pena do tinteiro repousar sobre o sangue de um cadáver? Deveria o poema ganhar vida através da morte? Lugares abandonados. *Elementos da Poesia.*

FLOR AZUL. Bandeira dos guerreiros românticos, mortos na Batalha das Artes. Beberam tanto do Infinito que se esqueceram de regar o seu tão almejado amor – então perdido. União desunida, desunião unida. A busca pelo paraíso celestial levou os seus guerreiros para o inferno flamejante das artes, pérfidas por essência. O seu coração exposto, cru e selvagem.

AMOR. Palavra prostituta. No mundo material, acorrenta os corações pulsáteis. Vida parasitária, morte libertária. Ao contrário do que se diz, no pós-vida, as almas ganham asas; separam-se do que envenenou a sua vida na Terra. Quem ama, deixa de viver. Sua alma aprende a sobreviver. Em nome da sua alma gêmea, protela a morte. O amor como fim da vida – ou desfecho?

SEXO. Possessão bárbara do desejo. Grunhidos, gemidos e sussurros. Gestos de ânsia instintiva como a de um animal. Ao fim, consuma-se o exorcismo do desejo. Constrangido, ele se esconde novamente – até ser cutucado com um olhar lascivo. Cavalos domados, diabo indomável. Onde ficam as muralhas do ser humano?

FOME. Grau máximo de desumanização do homem pelo homem. *Fome por dinheiro.* O opressor dizima o oprimido. *Fome estilística.* Subversão da miséria como exortação ao povo colonizado. A linguagem que se alimenta da fome; a fome que se alimenta do espectador. Abruptamente, todos foram encerrados em quartos escuros, sem luz solar. No meio do lixo, viraram canibais. Pegaram os restos dos outros corpos e fizeram a sua manifestação escatológica. Os canibais engravidaram e

deram à luz uma arte feia e suja. O recém-nascido nunca assistiu ao nascer do sol, mas viu toda a sua família morrer na miséria.

MORTE. Ascendência do corpo à infinitude. Sob a cova do cadáver, o filme da sua vida ganha cor. Beijos quebrados, palavras não ditas, desejos suprimidos. Em cima da sepultura, as facadas autoinfligidas passam a ser sentidas por quem ele um dia já disse amar. Como nunca sentiu verdadeiramente, chegou a vez dos vivos. No funeral: lágrimas infindas e pretas como as suas roupas, cuja aspereza do pano oculta os seus defeitos monstruosos. Enquanto choram, ele caminha por um campo vazio, embrulhado por rosas brancas. O falecido ganha uma nova mãe: a Liberdade, que pulveriza a sua alma machucada. As partículas da alma se agarram no manto celestial. Viram pequenas lascas de cristal: a bússola primacial dos Homens, inocentemente guiados pelos seus antepassados.

– Não entendo as suas feições, *Novalis*... sei que a minha terra é feia, mas dificilmente a sua seria superior à minha. Tanto o senhor quanto eu viemos do lixo, padrinho – em aspectos distintos, claro, mas ambos feios, desoladores e esmagadores – Tive de destruir o que restou do meu corpo – as minhas memórias agridoces!... – por causa de fragmentos que, mesmo sendo da natureza da sua fala, o senhor se recusa a compreender? Ainda me corrige?! Como me enganei acerca da sua pessoa, padrinho... O senhor é cruel como os outros românticos. O seu coração tem as mesmas impurezas que eu acompanhei lá na terra – a *minha* terra. Agora vejo que, para o senhor, ela é a casa da miséria, o inferno terreno. Pois lhe peço que me ouça bem, e com a mesma atenção que dedica aos seus versos quiméricos: não existe linguagem dos anjos. O lugar que os senhores chamam de “inefável” é o verdadeiro inferno – um pardieiro, isso sim! – Ah, não faça essas caretas, padrinho... Ou melhor, *senhor Novalis*. Que o senhor desapareça junto com os românticos, pois cansei dos seus idealismos chinfrins. Nunca mais vou lhe chamar de padrinho. Nunca mais lhe vou dirigir a palavra. A partir de agora, o senhor morreu para mim. Ouviu? Morreu! Até mais, HIPÓCRITA!

Abri os olhos. O mundo voltou a se ordenar na sua desordem sedutora, de que eu tanto sentia falta. O sol bailava sobre a minha pele. O suor vertiginoso escorria pelo concreto morno. A voz de *Novalis* se desvaneceu, suprimida pelas buzinas estridentes, sujeitas à vozeria indistinta da multidão. Suspirei, aliviado. Senti tanta falta da minha terra... muito melhor que aquela confusão onde me meti.

Em comemoração à minha vida, que ainda não se deteriorou como a dos românticos, paguei o meu uísque predileto e brindei com dois desconhecidos. "Às contradições!", bradei. Eles riram; alinharam-se à minha euforia dissonante. Abracei os colegas que dificilmente veria de novo. Atravessei a rua. Comprei uma rosa linda, vermelha como o desejo abrasador daquela cidade – a qualquer momento, ela entraria em chamas.

Diante dessa constatação súbita, entrei apressadamente no cinema da rua. Paguei um ingresso para o meu namorado, que me esperava afobado à entrada.

Agir e pensar se mostrou uma tarefa quase impossível. Não sei como consegui manter um olho grudado aos planos hipnóticos de Bressane, enquanto o outro acompanhava os beijos urgentes que meu amor e eu trocávamos na sala vazia.

Eu me declarei para o meu namorado com as palavras mais impulsivas, apaixonadas e etéreas da língua portuguesa. Ele merecia se desmanchar na minha sinceridade a florada (não ouse insinuar que fui romântico!...). O meu namorado dedicou àquela sala um novo filme, mais erótico que os do *Júlio Bressane*.

Como já disse, eu, sim, estou vivo. Demorou, mas vivi de verdade naquele dia – uma segunda-feira quente e embriagada. Decerto que, em três dias, eu me esqueci da lição, mas aquele dia valeu pelos outros dez mil em que eu sobrevivi, zanzando pela cidade como um morto-vivo.

Na Boca do Lixo, assisti ao filme "Matou a Família e Foi ao Cinema". Não há muito a ser dito depois disso. A contragosto, desejei

os pêsames ao meu ex-padrinho – ter consciência é uma merda. Nos últimos quinze minutos do longa-metragem de *Bressane*, eu me entreguei aos seus planos por inteiro. Pensei no triste fim que imputei a *Novalis*, mas não havia volta: ele teve de morrer. E, no cinema, eu tive de preencher o lugar impávido do espectador, aprendendo a viver do meu jeito, sem deixar o legado dos mortos subir à cabeça.

Estar vivo nunca me fez tão bem.

Petra

de João Godinho

O que elaborámos?

Aristocracia

E
Hotéis.

E
Pirâmides.

E
Sextas-feiras à noite.

Mais
E
Mais
E
MAIS!

Tudo será...
Pedra.

E tu...
Estás NUA.

Ser mulher

de Luna Silva

A minissaia, a culpa é minha, ela dizia,
Mas de fralda, nem falar ela sabia,
Calada! Não contes a ninguém
As tuas lágrimas, nenhum valor elas têm.

Numa casa onde existe o terror,
As paredes vermelhas ouvem o horror,
Anéis em algemas se transformarão
E torturar-te-ão nesta prisão.

Boca soltando promessas vazias,
Que jamais serão cumpridas.
Desculpas de amor não são precisas,
As marcas no corpo são ditas.

Sábua como *Atena* tens de ser,
Olhos de águia tens de ter,
Como a esposa de *Barba Azul* não vais sobreviver...
Chama de leão tens de acender!

Suplício

de Vanderlei Tenório

De todos os pensamentos, és suplício,
Permaneces alarde e meu bulício.
Qualquer sacrifício, ainda és meu vício.

Dedico-te o coração, em exercício,
Amadureço em silêncio, por artifício.
Mantenho-me são, mas clamo por hospício.

Indiferente a tudo, és desperdício,
Perdoa-me este longo comício,
Apaga meu nome do frontispício.

Devolve-me o meu tom pontifício,
Mas preza pelo meu sincero ofício.

Meu peito ainda clama pelo novício,
Tua apatia é um mudo precipício.
Minha esperança em ti é solstício,
Persisto, mesmo em pleno malefício.

Meses em fictício, eu insisto,
Arrisco, engano-me em cada resquício.
Porque te amei, meu próprio suplício.

Uma casa abandonada

de André Paiva

Subi o caminho de cal, havia um sobreiro que aguentava ainda uma sombra esfarrapada, à copa da árvore limpei o suor que nascia na testa, desentorpecendo também as pernas. Montes pardacentos e terras exaustas de prescrição, estas que a paisagem declamava. Ao alto da colina, contudo, jazia o que procurava, e segui por um carreiro esquecido dos passos de quem, em tempos, também o percorrera. Paredes esboroadas de esquecimento, dois chãos vazios de tetos: eis a casa. Explorei o que já não estava e tinha sido, assim, substituído. Uma cozinha destruída, soalhos poeirentos de telhas rachadas, fios de erva brotando das lajes da velhíssima eira, murada com a pedra que os líquenes roíam. Encostei a mão ao reboco apodrecido, nas pontas dos dedos esfarelou-se-me a tinta que timidamente sobrava. Havia ainda uma porta sustendo a divisão mais ampla, da sua fechadura nasciam teias de aranha e um raio de luz. Abri-a. E nesse entrementes ouvi uma voz:

– Há mais de dezassete anos que isto está abandonado.

Era um velhote de cabeça calva, vestia uma camisa de manga curta, aproximou-se como quem se demora em missão:

– Moravam aqui várias famílias. Os Cebola, os Saragoça, os Gaudêncio. Mas vivia-se mal, o solo era pobre, enquanto uns casavam e outros largavam para o estrangeiro, isto foi ficando vazio.

Avançava de mãos atrás das costas, com a lentidão do passado, e desviei-me para admirar:

– É que isto aqui não fica em parte alguma, não pertence a ninguém.

Parou por fim – fitou-me devagar –, e, estendendo um dos braços, apontou:

– Mas agora vêm cá as máquinas, sabe? Dessas que têm ganchos e bocarras de metal. Vão serrar o monte acolá, por aquela franja, e isto vai ser transportado até à capital, para um museu que lá há. Vai ser tudo transportado, a casa, essas giestas que aí crescem, o monte tal qual como está. Vem cá a televisão filmar! Andaram por aqui uns homens de capacete e coletes, resmas de gente, vieram outros homens bem vestidos, tomavam notas e discutiam com entusiasmo. E tudo isto, as paredes e o mato, as pedras, tudo isto vai ser transportado. O monte inteiro. Para ser admirado de perto na cidade pelas pessoas, para que as pessoas da cidade não tenham de cá vir.

Afastando uma lasca de ardósia com as botas, dando um passo na direção da porta, o velho fechou-a. Depois, cerzindo os lábios talvez num sorriso, com o queixo e os olhos desenhando os contornos do espaço, perguntou:

– E o senhor também vai escrever sobre isto, não é?

Uma História de Patos

de Luís de Pato

- Quak quak...

- Quak quak! - respondeu o pato, rematando ainda - Quak quak quak, quak quak! - pondo ponto final à discussão com a pata.

Traduzindo, que caso contrário não se percebe patavina, os patos discutiam, como todos os pais patos, sobre o futuro do patinho deles - o Che Guequak. É que ele ultimamente andava a nadar com uns patos patifes de aspeto duvidoso, cheios de reivindicações e manias pseudorrevolucionárias. O pato pai, como tal, estava agora a informar a pata mãe, infeliz vítima do sistema patriarcal, da sua decisão final. Tam enviar Che Guequak para uma escola mais adequada. Foi neste momento da conversa que ele rematou com a acusação de que o seu filho se estava a tornar num pato muito comuna.

- Ah e os direitos sindicais da classe proletária oprimida pelo jugo da facho-burguesia-nazi. Che Guequak não se cala com essas coisas! - e pondo o tal ponto final - Vamos mandá-lo para a escola de nazis. Lá as crianças aprendem os valores patinianos e as hierarquias de raça.

E lá foi ele.

Foi bom remédio, saiu de lá, de pata erguida a vociferar:

- Quak quak, quak quak quak, quak quak... quak quak!!!!

Visita de Estudo

de Carolina Fidalgo

O autocarro é como um tubo digestivo, abocanhando adolescentes de toda a cor, textura e formato; borborigmos aflitivos a cada accionar de portas pelo condutor. As sobras indigeridas do bolo digestivo – orgânicas, plásticas, outras – jazendo sobre alcatifas ásperas. Em cima de cada assento, depõe-se um guardanapo-*naperon* ponteadado de nódoas, vincado à medida da nuca do ocupante prévio. Os jovens couros cabeludos unem-se com docilidade à intimidade das células mortas dessas cabeças idas.

Uma rapariga de franja pergunta:

– Setor, não há *wi-fi*?

O ruído fundeiro de uma canção conhecida, repetitivamente feliz. Um grupo de amigas canta. Há quem pegue nos *headphones*. Alguns são bem-sucedidos, outros não têm bateria. Eclosão de *Cheetos* em pacotes simultâneos. As narinas preenchem-se-lhes de micropartículas de queijo processado. Envolvem-se lascivas por entre os pelos das fossas nasais, arrecadando-se, acomodando-se.

Um rapaz de boné pergunta:

– Setora, quanto tempo é que falta para a estação de serviço?

Alguns olham pela janela, tentando desembainhar-se do corpo. As raparigas sonham com a conquista do fraquinho mais recente, os rapazes com uma vitória contra um exército inimigo.

A professora fala ao microfone:

– Hoje, temos de nos portar bem. Não toquem em nada sem autorização. Não se afastem do grupo, ninguém anda sozinho! Temos de olhar uns pelos outros.

Os avisos são fermento para as efabulações de conquistas. A paisagem aguça-se no entorno do autocarro, atravessam-na como se encapsulados. Hoje, todos serão heróis, pensam.

Uma rapariga de brincos com trevos reflecte sobre como os inimigos são bonitos. Nunca o diria em voz alta, é tabu. Mas como gosta da matiz dos seus olhos, como gostaria de verter a língua numa daquelas bocas com lábios grossos por sentinela.

O autocarro imobiliza-se. Os adolescentes são expelidos do veículo grosso, remetidos com escolta a um bloco espesso de parcas janelas. O ambiente é solene, abafam-se risadinhas. É o fim do território, o último posto.

Um rapaz de bigode fino, virgem de *Gillette*, pergunta:

– Setor, há casa de banho?

Alunos e professores são reunidos pelos soldados num salão de cúpula larga. Estes comandam:

– Em fila indiana!

A rapariga de brincos com trevos é a primeira da fila. Aprecia as feições dum soldado junto a si, oriundo de um país aliado. Como é, também ele, bonito. Todos os homens estrangeiros são bonitos.

O homem fardado mostra-lhe como se faz:

– Estás a ver? Estás a ver? – Ela diz que sim. – Controla a respiração. Mantém-te estável.

A rapariga de brincos com trevos faz por obedecer, embora as borboletas lhe entupam a garganta.

O homem fardado dirige-se-lhe com carinho e paciência:

– Não custa nada. Quando eu disser já.

A rapariga assente, asfixiada de deleite. Ele está tão perto.

– Já.

O disparo ecoa.

Do outro lado da fronteira, um homem cai dum escadote. O balde que trazia nas mãos estatela-se na terra húmida, onde cerejas se dispersam como contas de um longo fio. Algumas esborracham-se, empapam-se, caroços à mostra como ossos. Outras sobram inteiras. Mais tarde, serão tomadas pelos estorninhos.



Biografias

André Paiva nasceu em Coimbra, em agosto de 1992. É formado em Geologia e Português e trabalha como divulgador científico. Venceu o terceiro prémio do Concurso de Leitura no Ensino Superior 2024 do *Plano Nacional de Leitura*. De todos os géneros literários, o seu preferido é o conto. É casado e pai de um filho.

Bela Cadima (2004, Recife, Brasil) escreve tanto poesia como prosa. É jornalista e mestranda em Estudos Comparatistas pela *Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*. O interesse pela escrita surgiu ainda na infância, vivida no Recife. Atualmente, mora em Lisboa. A experiência entre as duas cidades influencia o seu estilo literário, marcadamente impressionista e sinestésico, atravessado por questões de identidade.

Carolina Fidalgo é formada em Literatura e Teoria Modernista e Pós-Modernista pela *Universidade de Glasgow*. Dedicou-se ao ensino de português como língua estrangeira. Tem contos publicados em diversas antologias, revistas e plataformas como o *Gerador*, a *Fábrica do Terror* e a *Ruído Manifesto*. Foi distinguida com o 1.º Prémio de Prosa no Prémio Nacional de Literatura Juvenil *Ferreira de Castro* e recebeu uma menção honrosa no concurso *Aveiro Jovem Criador*. O seu primeiro livro de contos, *Planetas Doces na Penumbra*, será publicado pela Editora Urutau.

Daniela Silva, 21 anos. Uma madeirense que em Aveiro navega, trazendo na mala o sotaque e a saudade que não nega. Estuda línguas e negócios para no futuro ganhar mais um trocado, derrama-se em versos para que tudo fique controlado. Vive quase sempre na sombra, mas hoje revela-se em papel - olhem para o céu que lá vem ela num voo fiel!

João Godinho, 19 anos, estudante de cinema. Vagueia pela poesia desde os seus 16, não por escolha, mas por necessidade. Influenciado por *Rimbaud*, *Morrison*, *Dylan Thomas*, *Whitman*, *Herberto Helder*, *Baudelaire* e o espírito *Beat*. Se a poesia de João tem um objetivo, esse... é TUDO.

SUN, tem 22 anos, mora em Lisboa, e escreve há aproximadamente quatro anos. Começou a experimentar o formato poema há um ano. Neste momento, o seu foco são bater poemas e contos, mas anseia dar um saltinho para textos maiores.

Vanderlei Tenório é jornalista, poeta, cronista e crítico de cinema brasileiro. Em Portugal, colabora há cinco anos com o *Cinema Sétima Arte*, onde desempenha funções de redator, editor-adjunto e correspondente. Assina ainda especiais no *Central Comics* e também é crítico no site *Cinema em Portugal*.

